

# A economia em 81, na visão dos analistas

Ao acompanhar diariamente os balanços e informações das empresas, na busca de melhores opções de investimentos, os analistas do mercado de capitais acreditam que a produção industrial apresentará neste ano uma forte redução — em torno de seis por cento —, quando em 1980 registrou um incremento de oito por cento. O setor de serviços, ainda segundo os analistas, também deverá apresentar uma taxa negativa ou um mínimo de incremento. E mesmo que a agricultura cresça entre oito a dez por cento, com o aumento das exportações desses produtos, eles consideram corretas as projeções de técnicos da Fundação Getúlio Vargas e de próprios empresários de que o Produto Interno Bruto (PIB) este ano terá uma taxa negativa de zero a dois por cento.

Em 1980, o PIB evoluiu oito por cento, sendo que a indústria (com peso 37 por cento) cresceu oito por cento, a agricultura (com peso 11 por cento) teve 6,8 por cento de crescimento, enquanto o setor de serviços, incluindo o comércio e sistema financeiro (com peso 52 por cento), cresceu 8,2 por cento.

Para o presidente da Associação Brasileira dos Analistas do Mercado de Capitais/Rio de Janeiro (Abamec), Luís Carlos Araújo, as projeções do PIB para este ano e especialmente sobre o desempenho do setor industrial, são "realistas e muito conservadoras".

— Na redução de seis por cento na produção industrial — explica Luís Araújo — já estamos contando com a recuperação que historicamente ocorre nos dois últimos meses do ano, quando o comércio, com a chegada do Natal, compra mais mercadorias, forçando uma maior produção industrial. Caso contrário, a projeção seria ainda mais negativa.

## CAUSAS E REFLEXOS

Se o Governo conseguiu amenizar os problemas do balanço de pagamento e de inflação, através da liberação das taxas de juros, limitação do crédito e redução dos subsídios e gastos públicos; essas medidas, segundo os analistas, provocaram a redução da produção industrial e dos demais setores, com consequências, como o desemprego, que poderão se agravar ainda mais até o final do ano.

Eles citam alguns dados, das próprias empresas e de entidades de classe, que mostram essa redução. Na indústria siderúrgica, entre julho e setembro deste ano, em comparação com igual período de 1980, a produção de aço caiu 10,8 por cento, enquanto as de laminados planos sofreram queda de 12,7 por cento. Na indústria metalúrgica, no mesmo período comparado, só a produção de chumbo caiu 17,7 por cento. A indústria automobilística



Espíndola: Bolsas não refletem a economia

ca reduziu, no mesmo período, em 26 por cento a sua produção de veículos. Na indústria têxtil, apenas a produção de filamentos contínuos de náilon caiu 29,9 por cento, também entre julho e setembro deste ano, em comparação com o igual período de 1980.

O diretor da Abamec, José Carlos Simões, acredita que as indústrias que processam as matérias-primas terão mais dificuldades para se recuperarem dessa atual crise, do que as demais indústrias. Segundo ele, a indústria siderúrgica, por exemplo, não tem a flexibilidade da indústria automobilística, que pode contar com estoques regulares, desafogando a produção e equilibrando o desempenho.

Ricardo Bellens, também diretor da Abamec, observa que embora necessárias para reduzir a dívida externa e diminuir os índices da inflação, essas medidas adotadas pelo Governo só podem ser colocadas em prática num curto prazo, "sob pena do Governo comprometer todo o seu projeto político e econômico".

— O Governo, na verdade, já conseguiu ajustes no balanço de pagamentos e reduziu os índices de inflação — diz Bellens — mas isso determinou grandes sacrifícios para toda a sociedade, principalmente com o desemprego. Se essas medidas não derem resultados relevantes, num curto prazo, precisam ser alteradas.

## UMA ILHA

As bolsas de valores, segundo os analistas do mercado de capitais, para onde eles voltam sua maior atenção, no momento não estão espelhando a realidade da maioria das empresas e podem ser consideradas como "uma ilha" dentro da atual economia do País.

O vice-presidente da Abamec, Pedro Espíndola, diz que historicamente não há relação entre o estágio da economia com o comportamento das bolsas de valores. Ele lembra que entre os anos de 1972 e 1974, "na época do milagre brasileiro, quando a economia ia bem, as bolsas de valores registraram os menores volumes de negócios, com os índices de lucratividade atingindo a 1.300 pontos". Hoje, apenas entre abril e setembro, o índice de lucratividade cresceu mais de 100 por cento, com marca de 25.000 pontos e volume diário de Cr\$ 5,2 bilhões, como ocorreu no pregão da última sexta-feira.

O presidente da entidade, Luís Araújo, aponta três condições para que hoje as bolsas de valores, embora distantes do "boom de 71", quando negociaram volumes diários de cerca de Cr\$ 10 bilhões (se for corrigido o valor), não acompanhem o resultado negativo da maioria das empresas do País. Primeira: o mercado de ações é ainda muito reduzido dentro de toda a economia e por isso não sofre o reflexo negativo da maioria das empresas. Segunda: os melhores papéis, os mais negociados, são de grandes empresas estatais e privadas, que também não estão sentindo, hoje, os reflexos dessa crise. E terceira: os incentivos institucionais, como a criação do Fundo 157, Fundos de Pensão, seguradoras e montepíos, conseguem manter e estimular o mercado de ações, até mesmo independente da crise na economia como um todo.

— Mas sem essa ajuda institucional e contando com a forte participação de grandes empresas estatais (Banco do Brasil, Petrobras e Vale do Rio Doce, principalmente) e grandes empresas privadas (Souza Cruz e White Martins) — diz Araújo — com certeza a atual situação das bolsas de valores e do mercado de ações seria outra e pior.